



GIL VICENTE

Semanario defensor dos interesses locais
(Humorístico, Litterario e Noticioso)
Propriedade da Empresa "Gil Vicente",
Redacção e Administração:
LARGO DR. SIDONIO PAES, 99 E 100



VISITACÃO
*Pardiez! siete arropelones
Me pegaron á la entrada,
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones*
VAQUEIRO

Director e Editor:—Arthur Fernandes de Freitas
Administrador:—A. Faria.
Secretario da redacção:—Eduardo de Souza
Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesa.

Medida sem criterio . . .

Longe vam já os tempos da grande loucura do povo francez. O sangue era a preocupação constante de todos os desvairados, que nas baiúcas da grande capital medravam sem ar, e sem luz, na monomania constante da liberdade. Revolucionaram tudo, e no meio desse revolver continuo de paixões, tudo quiseram nivelar. O genio era perseguido, como o sangue. Matavam uma Lambale, mas tambem imolavam um Chenier. Individuos saídos das mais infimas camadas, apareciam capiteneando a plebe desenfreada de Paris, e sem a educação precisa, porque a rua não educa, anortaram um povo, sem direitos, ao abismo de todas as abjeções. Como é natural, a tal estado de coisas, alguem houve, que resistisse. Nem todos eram dementados, nessa epoca de decadencia. Mas esses que luctavam contra a anarquia, pagaram com a vida a sua desaprovacão á tirania dominante. Legalisaram contra esses homens da ordem, o assassinio, e feras assalariadas, percorriam todos os bairros da grande cidade, á procura de victimas, nas quais, mesmo sem vida, cevaram todas ás ruíns e torpes paixões. Matar suspeitos, passou a ser modo de vida. E as esfroes imortais do hino de Rouget de Lisle, não raras vezes abafavam, protestos justos contra os novos tiranetes, quando o hino fora composto para saudar a alvorada da libertação nacional.

Dias houve, em que as cabeças caíram aos milhares. E depois dalgumas delas, serem passeadas em trofeu, as pobres victimas, que pagavam com a vida, o crime de não matar como os seus algoses, lá iam aos montões, em carroças, para os cimiterios dos arrebaldes. Paris, habituou-se a esses cortejos da morte, e a ninguem repugnava, ve-los, sem padre, sem uma cruz, sem uma vela. Eram a toda a hora do dia, e a toda a hora da noite, á medida que caíam, e o Cá irá esse hino de orgia, soava de milhares de bocas. . . Ora estes que matavam, e mostravam a todos, mesmo de dia, as suas victimas, não tinham receio de nada, nem do horror que por ventura causariam. . . E entre nós, em occasião duma

epidemia terrível, parece haver receio dalguma sublevação, contra a medicina, pelo simples facto de morrer muita gente. Fazem-se enterros de noite, para não alarmar a população, diz-se. Na verdade, nunca vimos medida tam disparatada. De que cabeça partiria ella? Esse genio admiravel, não notará, como todo o homem de senso, que a noite aumenta todos os horrores, muda a côr ás coisas, fazendo até todos os gatos pardos? Será bonito ver passar meia duzia de esquifes, alta noite já, rodeados de tochas, a passo cadenciado, para a Atouguia? De dia, porque iam, a horas diferentes, não seriam mais indiferentes esses enterros? E depois não será obrigar as pessoas da casa do morto, a contemplar o estrago da epidemia, mais tempo que era preciso? E quem sabe, se no cemiterio, por causa do adeantado da hora, o coveiro, se não dá ao trabalho de enterrar, e deixa os caixões ao relento até de manhã? Tudo isto é digno de ponderar-se. E se ha medo duma sublevação contra a medicina, que esses receios se desvanecam, porque o povo ainda não aprendeu os axiomas de Borage.

O novo cabeçalho do "Gil Vicente".

Já o primeiro numero deste semanario devia ser embelezado pelo artistico cabeçalho que hoje vem tirar o titulo «Gil Vicente» da vulgaridade de quasi todas as publicações d'esta natureza. Porem como a zinco-gravura não tivesse chegado a tempo, vimo-nos obrigados a recorrer ás simples letras da typographia, bem contra nossa vontade.

Ao talento incontestavel do nosdedicado amigo e distincto desenhador, Sr. Capitão Luiz Augusto de Pina, se deve a obra artistica do novo cabeçalho do «Gil Vicente».

Por tão elevada gentileza accite S. Ex.ª os protestos no nosso profundo reconhecimento.

Para que a comprehensão de tal desenho, fique ao alcance de todos, achamos conveniente transcrever uma carta que, juntamente com o croquis, nos foi enviada pelo seu auctor.

Eil-a:

Amigo e Sr. Artur Freitas:

Envio-lhe o cabeçalho que me pediu para o seu «Gil Vicente». E' claro que não se dirigiu a mim para obter as simples letras de que se compõe aquelle nome glorioso da nossa patria e da nossa terra, porque nos caixotins da typographia não deve haver faltas delias; qe certo pretendia qualquer coisa que se ligasse mais ou menos com o personagem que serve de titulo de honra ao seu jornal, e, nessa conformidade, compuz isso que para aí vai.

O nome do poeta, em letras da epoca em que vivau, liga-se por algumas delias a fragmentos architectónicos do estilo manuelino, que perpetuou no marmore dos monumentos toda a nossa epopeia maritima, vendo-se entre elles a Cruz de Cristo e a esfera armilar sobre o vertice dum portico, uma volta de calabre e a típica corda de pesca, entre as dobras da qual se destacam, no mesmo castelhano usado na côrte, os quatro primeiros versos do monologo do Vaqueiro, que Gil Vicente recitou em 8 de Junho de 1502, segunda noite do nascimento do principe D. João III, na presença dum grupo em que se achavam D. Manuel, a rainha D. Beatriz, sua mãe, e sua filha a Duqueza de Bragança, e que foi a primeira coisa que o poeta fez e que em Portugal se representou.

A esquerda figura a lira e a mascara com folhas de hera, simbolos da poesia e da comédia, destacando-se ao longe o castelo de Guimarães, a representar a terra que foi berço do grande poeta e comediografo.

E' o que se pôde arranjar na aldeia.

Mande o seu amigo etc.,

Capitão Pina.



SONETO

Rezo o teu nome, devagar, cantando
Humildemente as syllabas que tem,
E rezando o teu nome, o vos amando,
Por elle ser o nome do meu Bem.

Devagar, brandamente, o vos rezando. . .
Tão brandamente o rezo, que ninguem
Pode saber-te o nome, mesmo quando
Em sonhos digo as syllabas que tem.

Rezo o teu nome, rezo, devagar,
Como quem tem receio de acabar
Benéfica e santissima oração. . .

Ninguem conseguiu ouvir-me! E no entretanto,
Quanto mais baixo o digo, e rezo, e canto,
Tanto melhor me escuta o coração!

ALFREDO PIMENTA.

Multa paucis

Duas palavras apenas em volta das negociações para a Paz, já que o tempo mais nos não permite.

Descerremos o quadro da guerra europeia. . . Dum lado, a Alemanha, a nação na essencia militar, perante a inexcedível valentia e infrustrável tática de Fock, curvando-se em reconhecimento da sua fraqueza; do outro, os aliados, quentes pelos triunfos sucessivamente obtidos nestes últimos dias, exigindo pela pena de Lausung a destruição da sua inimiga.

Eis o sumário de quanto entre Wilson e o «Reichstag» tem acontecido com respeito ao armistício, ou antes, ás agencições da Paz, há muito suspirada por todo o mundo.

Que significará isto? Que em breves dias reinará a harmonia em todas as nações da velha Europa, ou que será mais intenso ainda o ódio e o rancor dos povos em luta?

O tempo o dirá, porque o futuro a Deus pertence; no entanto parece-nos não errar quem previr riquezas e alegria para os gananciosos e infames açambarcadores; lagrimas e fome para o abastado, para o pequeno pro-

prietario e para o operario honrado, que compra com o seu suor o pão de cada dia; e luto em milhões de lares.

Emmanuel



Efeimerides Vimaraneses

OUTUBRO

27

1853—A Meza da Misericordia, reunida em sessão, resolve responder ao Governador Civil que não pode receber os atacados de cólera, por falta de cômodos.

28

1577—Alvará de El-Rei, D. Sebastião concedendo 30.000 reis annuis ás freiras de Santa Clara para as obras do seu convento.

29

1842—Nomeação de Luiz Antonio Navarro de Andrade, arcediogo na Sé de Lamego, natural de Guimarães e morador na Rua das Molinas, hoje Camões.

30

1836—Nomeação do Capitão do Rebotto administrador efectivo.

31

1832—Prepara-se e mobila-se a casa dos Coutós, á Misericordia, para receber D. Miguel.

Novembro

1

1747—O Arcebispo de Braga, D. José de Bragança, celebra missa na Colegiada.

2

1821—O «Diario do Governo» traz uma lista dos padres que prégarão a favor do systema constitucional, entre os quaes menciona: frei Fortunato do Vale, de S. Domingos e frei Rodrigo de Menezes, de S. Jeronimo, ambos de Guimarães.



Uma carta

Do sr. J. C. V. Alfazema, recebemos a carta que passamos a transcrever, chamando para ella a attenção da Ex.ª auctoridade Administrativa:

. . . Sr. Director do «Gil Vicente»

Nesta

Chamo a attenção de V. . . para o lastimavel facto que se presencja nas imediações (trazeiras) do cemiterio da Atouguia, com a dispersão de ossos de cadaveres humanos, salientando-se o

duma criancinha ainda com os cabellos louros. Tão repugnante e tal espectáculo que não posso deixar de vir apelar de V. . . a lembrança destas ninharias a quem de direito compete ser mais escrupuloso em assuntos desta natureza. Caso contrario, espero, sr. Director, reclame providencias energicas e immediatas á competente auctoridade administrativa, a bem, justamente, do respeito pelos nossos queridos mortos.

O facto a que alludo pode ser presenciado por quem se dê ao trabalho duma passeata ao local.

Agradecendo, subscrevo-me

Guim. 23/10/19.

Mt.º At.º Vnr.

J. C. V. Alfazema.

Tem a palavra a digna auctoridade. Depois fallamos nós.

Enterros nocturnos

Dissemos por lapso no nosso numero passado, ter sido a auctoridade administrativa quem ordenara que os enterros se fizessem ás 8 horas da noite, quando é certo essa ordem ter partido da auctoridade sanitaria.

Pouco importa isso.

O que é facto é que os enterros continuam a efectuar-se de noite á hora a que o commercio encerra as suas portas, em que ranchos de operarios atravessam a cidade vindos das fabricas que a essa hora paralisam o trabalho.

Se o unico fim desta medida é evitar que o povo presencie estes espectaculos, não podia ser escolhida peor hora.

Ex.ª Sr. Sub Delegado de Saude: E' necessario que seja posta de lado uma medida tão contraproducente e com que, crêmos bem, não ha uma só pessoa que concorde.

E para que ir contra a vontade do povo, mostrando-lhe o que recatadamente se pretende ocultar-lhe?

A imprensa e a crise do papel

Hoje toda a imprensa, em virtude da enorme carestia do papel, tem reduzido o numero de paginas aos seus jorbaes.

Nós que ao fundar este semanario tivemos apenas em vista defender os interesses da cidade e concelho de Guimarães e ao mesmo tempo chamar á vida litteraria um grupo de rapazes novos, não pensando sequer em lucros que tal empreza viesse a dar, o que actualmente se torna impossível, resolvemos lançal-o á luz da publicidade alternadamente com 4 e 2 paginas, dando assim aos nossos amáveis leitores, o maior numero de noticias possíveis e a maior variedade de secções.

Um dia que o preço do papel nos permita dar ao jornal, a antiga forma de toda a imprensa vimaranense, immediatamente o faremos.

